



<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/raead>

ISSN: 2357-7843

Da sombra ao caos do saber: buscando espaços educativos.

Autor 1¹: Luiz Henrique Pimenta Rech

Resumo: O artigo quer apenas evidenciar algumas situações contemporâneas relacionadas à educação, trazendo mais um discurso que estimule o debate e a multiplicação de ideias. Também tenta provocar uma reflexão sobre a necessidade de entender e perceber o mundo diante de um contexto globalizante do capital, que se dá concomitantemente, com o acelerado avanço das tecnologias de informação e comunicação, no intuito de fomentar novos formatos na construção de relações inusitadas e inovadores espaços do saber. Espaços agora da pós-modernidade, de realidades também no ciberespaço, pelos quais caminhamos em diversas culturas e assumimos diversas identidades, buscando interações singulares num mundo líquido, imediato. Essas identidades fugazes revelam a complexidade do comportamento humano na era do conhecimento, tempo de novas experiências históricas e coletivas e do desafio de integrar a sociedade para a construção de novos princípios e atitudes.

Palavras-chave: Educação. Globalização. Ciberespaço. Conhecimento. Aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

Os processos políticos, culturais e econômicos globalizados pelo neoliberalismo e a notória aliança dos Estados-nação ao capital, agora conectados em rede, geram novos desequilíbrios, fontes de exclusão e inclusão social, que precisam ser redefinidos em cada contexto. Conceitos, modelos, imagens, sensações sensoriais, fluxos de informação, criam novos caminhos, redefinindo e reconstruindo aquilo que entendemos como real, num mundo virtual. O hipertexto (conexões de palavras, páginas, imagens, gráficos, vídeos etc.), multifacetado, impulsiona uma reorganização do conhecimento, altera os sistemas cognitivos humanos e, assim, o papel do ato educativo. No panorama de novas formas relacionais, o capital intelectual é o

¹ Graduado em Administração pelo Centro Universitário de Brasília e Pós-graduado em Educação a Distância pela Universidade Católica de Brasília. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9643970741903514>



diferencial qualitativo para novas formas de produção e convívio social, colocando a educação e suas possibilidades evolutivas a se tornar elemento ativo e fundamental na produção de conhecimentos e tecnologias, consideradas, na nova sociedade do conhecimento, como vetores de desenvolvimento econômico e social.

Dentro desse momento voltado para a aprendizagem surge um novo modelo de globalização, a globalização da educação, presencial e a distância; através principalmente da internet, cada vez mais inserida em ambientes virtuais de aprendizagem e projetada através do uso de tecnologias de informação e comunicação, que trazem mudanças estruturais com o armazenamento, a duplicação e a divulgação da informação, com dimensão planetária.

As mudanças estruturais presentes na atual era do conhecimento nos levam ao obrigatório aprendizado contínuo do exercício de inovar e renovar o saber, buscando equalizar os princípios educativos, visando formar um cidadão criativo, crítico, investigativo e autônomo, capaz de inventar processos e reinventar-se em redes colaborativas de conhecimento. Essa cultura globalizante tem como principal desafio a formação de homens e mulheres integrais, capazes de transitar num mundo globalizado, articulado e conectado num híbrido cultural que se expande ocupando os mesmos espaços, mas diferentes lugares.

2. A GLOBALIZAÇÃO E A EDUCAÇÃO

Existem diferentes entendimentos sobre a “globalização”. Para alguns o termo indica a eclosão de organizações supranacionais, cujo poder assume o controle político dos Estados-nação; para outros, significa a oligarquia financeira transnacional que controla os negócios mundiais; para alguns, o impacto fulminante dos processos econômicos globais, como: produção, consumo, comércio, fluxo de capital e interdependência financeira; para uns, ele está centrado no surgimento de novas tecnologias de informação e comunicação mundiais, trazendo um híbrido cultural que molda as interações sociais locais; e para outros, ainda, é a supremacia política do neoliberalismo.

É relevante salientar que uma reestruturação econômica se deu em muitos países em paralelo com essa tendência globalizante nas últimas décadas. Com lucros baixos, devido a salários altos e novos concorrentes internacionais, as economias não

mais conseguiam cumprir suas metas sociais, gerando insatisfação popular em relação à gestão estatal. Isso levou o Estado a promover um crescente movimento de privatização dos serviços sociais, de saúde, de habitação e da educação. Alguns elementos caracterizaram claramente essa tendência mundial de reconstrução dos interesses de grupos neoliberais que lideravam politicamente algumas nações democráticas capitalistas, tais como:

- integração de economias, internacionalização do comércio, e redução nas margens de lucro; a produção intensiva de capital, gerando aumento da economia informal e desemprego em grandes setores da economia;
- novas relações comerciais, novos modelos salariais e de contrato de trabalho, e menos garantias no contrato de trabalho; aumento dos empregados avulsos e do sexo feminino, muitos dos quais trabalham em casa;
- mudanças no modelo de produção baseado na redução de custos, flexibilidade da força de trabalho e numa logística informacional e de produtos cada vez mais velozes;
- modelo industrial governado pela robótica, pelo microchip e pelas máquinas automáticas, o que fez surgir uma sociedade dependente dos computadores e seus periféricos;
- imenso crescimento do setor de serviços.

Esses elementos da reestruturação ocorrem de forma concomitante à tendência a globalização. Ao contrário de muitas previsões, a globalização unificou o capital em escala mundial e, ao mesmo tempo, vem fragmentando e dividindo a força de trabalho, num mercado cada vez mais desregulado. Nos últimos tempos, já identificamos Estados cada vez mais internacionalizados, com suas agências e políticas adequando-se ao ritmo das novas regras mundiais.

Entendimentos à parte, fica a certeza de que a reestruturação econômica e a globalização continuam determinando alterações profundas em toda a dimensão social, através de processos estruturados de modos de produção e urbanização controlados pelo capitalismo. Mas a globalização está afetando a educação local e global? É fato que novos hábitos e estilos de vida estão sendo incorporados e outros reconstruídos pela revolução técnico-científica nos mais diversos campos do conhecimento, trazendo novos desafios em nossa forma de pensar, de conhecer e de

aprender. Essa nova conjuntura internacional exige mudanças rápidas e, por que não dizer bruscas, no sentido de impulsionar processos formativos agora dentro de uma sociedade em rede, pois os discursos sobre globalização sugerem que fatores diversos, com pesos, relações, e implicações específicas, dentro de uma nova ordem mundial, refletem mudanças nas interações, processos e arranjos organizacionais locais, regionais e nacionais. Nesse cenário de complexas interações, como elaborar e multiplicar reformas com novas políticas e práticas educacionais? Qual o modelo a ser adotado visando ao desenvolvimento de capacidades, habilidades e atitudes do indivíduo dentro de um sistema educacional em processo de privatização, num Estado que se afastou de seu papel social para aliar-se ao capital?

A UNESCO tem apoiado reformas objetivando a alfabetização e o acesso universais: à educação; à qualidade educacional como componente essencial da igualdade; à educação continuada; à educação como direito humano; à educação para a paz, tolerância e democracia; à educação visando ao desenvolvimento ecológico sustentável; às novas tecnologias de informação e comunicação. Ao mesmo tempo, a Organização Mundial do Comércio/Acordo Geral de Tarifas e Comércio (OMC/GAT) tem dado bastante atenção ao debate sobre a conceituação da educação como um bem de serviço, diante da progressiva transformação da educação em objeto de interesse do grande capital. Coincidências à parte, a educação, sendo regida pelas normas da comercialização de serviços, traria a mercantilização na área e a internacionalização da oferta, com a entrada de organizações internacionais nos países menos desenvolvidos. Parece que, mesmo sem acordos internacionais em vigor, a educação como mercadoria encontra-se há um bom tempo em acelerado crescimento, fato evidenciado no trabalho de Oliveira (2009), quando cita a expressão de Angel Gurria, secretário geral da OECD, em Lagonissi, Grécia, no ano de 2006, ao encerrar a Conferência de Ministros de Educação da Organização: "A Educação é hoje uma mercadoria negociável. Tornou-se exportável, portátil e negociável".

Essa afirmação revela os bastidores de uma arquitetura internacional do capital que se alastra vorazmente em larga escala, num ambiente educacional cada vez mais globalizado. A revista Educação e Sociedade (2009) revela dados que figuram no trabalho de Savage (*apud* FEAST & BRETAG, 2005, p. 64): a área educacional internacional movimenta, anualmente, US\$ 2,2 trilhões de dólares, com várias multinacionais investindo em programas pós-secundários e vocacionais próprios.

Dados nacionais divulgados pela revista *Exame* em 22 de dezembro de 2008 revelam que o ensino privado movimentou, naquele ano, R\$ 90 bilhões, o equivalente a 3% do PIB. A quantia é significativa se levarmos em conta que, no ano de 2001, o setor movimentou R\$ 10 bilhões, o que evidencia um percentual recorde de crescimento setorial em movimentação financeira no Brasil.

Na tentativa de conter os gigantes corporativos e os organismos protecionistas e de estabelecer uma educação de qualidade a partir de uma ampliação da oferta pública, segundo a ideia de criar projetos de atendimento em massa, de forma mais justa e equitativa, existem debates em menor esfera tentando viabilizar modelos educacionais que contemplem o multiculturalismo, a pesquisa-ação participativa e a educação popular. A intenção é que possam surgir novos modelos educacionais direcionados, por exemplo, para: a área rural e as áreas marginalizadas, os imigrantes, as crianças em situação de rua e os pobres, as mulheres e as culturas que visem atender às suas aspirações. Assim, deveriam surgir novos modelos de parceria entre os Estados, o terceiro setor e as instituições privadas, bem como novos modelos de relações entre as universidades e as empresas e, ainda, de financiamento e organização escolar.

Fica evidente a força e a voracidade do mercado transnacional e suas práticas de internacionalização dos mercados internos; mas, com personalidade e luta, também coexistem ainda atores carregados de valores voltados ao bem comum e em prol do real desenvolvimento do indivíduo. Porém, acredito que o desafio maior reside na pergunta: como educar num mundo globalizado, de comunidades múltiplas, deslocadas, provisórias e mutáveis? Qual a política educacional que vai permitir maior flexibilidade e adaptabilidade dentro de uma série de expectativas conflitantes e mutantes, em direção aos imprevisíveis caminhos alternativos das discontinuidades geográficas? Como vamos formar e multiplicar o conhecimento para o indivíduo que se encontra liberto para transitar em vários lugares e, muitas vezes, em todos ao mesmo tempo? Como vamos tirar das sombras os quase dois bilhões de analfabetos (incluindo os funcionais), que fazem parte de um mecanismo silencioso, perverso e excludente? Nesse sentido, segundo Sagan:

As rodas dentadas da pobreza, ignorância, falta de esperança e baixa autoestima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-lo funcionando. O analfabetismo é a sua

cavilha. Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais. O custo das despesas médicas e hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os problemas que nos perseguem. (SAGAN, 1996, p. 351).

3. EDUCAÇÃO E CIBERESPAÇO

Em cena, novas formas de materialização da informação e comunicação circulam pelos bits, códigos digitais universais (0 e 1), num processo de digitalização do visível e do imaginário. A informação e o conhecimento digitalizados se reproduzem, circulam, se modificam e se atualizam em segundos através de interfaces, onde se inscrevem novos caminhos, “num fluxo de mensagens e imagens que modifica nossa estrutura relacional trazendo a informação como principal ingrediente de nossa organização social” (CASTELLS, 1999, p. 505).

Surge então uma dimensão imaterial através de impulsos eletrônicos, desmaterializando o tangível e modificando as referências de lugar e rotas, dentro de um espaço onde as relações sociais são acessadas por uma chave eletrônica – ou seja, um endereço (www, @,etc) – e fazem surgir novas formas de pertencimento, a partir das quais o sujeito se encontra num lugar plural, num mundo de simulações, no ciberespaço, ambiente de relações intensas, em que a imaginação acessa e cria conteúdos que retroalimentam todo o processo.

Para que possamos prosseguir em nossa análise do ciberespaço, faz-se necessário geografizar o que são lugares, não-lugares e lugares virtuais. Os primeiros se definem por uma cultura quase sempre bastante homogênea, com pouca diferenciação e elevado grau de interesse entre os indivíduos. É o lugar tradicional, onde os laços afetivos, pessoais e comunitários contribuem para a formação de uma cultura enraizada. Os não-lugares são zonas de transição, onde o sujeito é não-identitário: shoppings, caixas eletrônicos, calçadas e ruas, rodoviárias e aeroportos. Espaços onde se criam relações efêmeras e de consumo imediato, trazem experiências e vivências solitárias em lugares que não abrigam nenhum vínculo social, que se destinam única e exclusivamente a uma transitoriedade de fluxos e objetos, visando a um fim determinado e quase sempre individual. São espaços transitórios em milhares de lugares urbanos espalhados pelo globo, iguais em todos os lugares e previamente

projetados para relações específicas para os fins a que se dedicam. Os não-lugares são uma nova configuração social, característica de uma época que se define pelo excesso de fatos, superabundância espacial e individualização das referências. Assim:

Frequentar os não-lugares constitui, hoje em dia, a ocasião de uma experiência sem precedente histórico, de individualidade solitária e de mediação não humana (basta um cartaz ou um écran) entre o indivíduo e o poder público. (AUGÉ, 1994, p.122).

Essa individualidade solitária mediada por "um cartaz ou um écran" talvez permita afirmar que nas relações mediadas pela *Internet no Ciberespaço* também existam não-lugares, espaços onde não se permanece, com os browsers sendo meios de transporte e sistemas de informação e mesmo sites, como espaços de passagem para um destino pré-determinado, num lugar descaracterizado de fronteiras geográficas, numa constante de novos territórios, desterritorializações e interações sociais.

Os lugares virtuais completam a nova configuração espacial. Potencialmente reais e cheios de símbolos e significados, mas virtuais, é aqui entendido não como algo que se opõe ao real, mas sim ao atual. É aquilo que existe em potência, não em ato. Assim, o virtual é extensão do real, pois seus habitantes emergem na Rede, ambiente edificado de informações, onde novas formas de socialização criam novos lugares independentes de um espaço físico. Os lugares virtuais possibilitam interações simultâneas, em tempo-real, trazendo um sentido de pertença destituído de materialidade, por meio do qual podemos viver anônimos, num espaço de lugares simulados que não existem.

Diante dessas discontinuidades geográficas, faz-se necessária uma nova cartografia do mundo com o surgimento do ciberespaço, espaço eletrônico das novas possibilidades de sentido e interações e seu potencial em formatos educativos, pois as tecnologias nos levam a inusitados modos de entender e perceber o mundo. A esse respeito, Lévy (1999, p. 167) afirma que:

O ciberespaço, interconexão dos computadores do planeta, tende a tornar-se a principal infraestrutura de produção, transação e gerenciamento econômicos. Será em breve o principal equipamento coletivo internacional da memória, pensamento e comunicação. Em resumo, em algumas décadas, o ciberespaço, suas comunidades virtuais, suas reservas de imagens, suas simulações interativas, sua irresistível proliferação de textos e de signos, será o mediador essencial da inteligência coletiva da humanidade. Com esse novo suporte de

informação e de comunicação emergem gêneros de conhecimento inusitados, critérios de avaliação inéditos para orientar o saber, novos atores na produção e tratamento dos conhecimentos. Qualquer política de educação terá que levar isso em conta.

Essa nova dinâmica social informacional, que se desenrola através das tecnologias de informação e comunicação, como defende Pierre Lévy (1997, p. 176), faz surgir um novo espaço, a que denomina “Espaço do saber”, embasado numa concentração de inteligências, para uma inteligência coletiva:

O espaço do saber é o plano de composição, de recomposição, de comunicação, de singularização e de impulsionamento processual dos pensamentos. Cenário de dissolução das separações, o Espaço do Saber é habitado, animado por intelectos coletivos – imaginários coletivos – em reconfiguração dinâmica permanente.

O saber compartilhado e coletivamente construído, sustentado pela rede, é o componente primário na elaboração de um novo espaço antropológico, que é o Espaço do saber:

O que é um espaço antropológico? É um sistema de proximidade (espaço) próprio do homem humano (antropológico) e, portanto, dependente das técnicas, dos significados, da linguagem, da cultura, das convenções, das representações e das emoções humanas (...).

Mas então por que chamar “Espaço do saber” ao novo horizonte da nossa civilização? A novidade, neste domínio, é pelo menos tripla. Está relacionada com a velocidade de evolução dos saberes, com a massa das pessoas chamadas a adquirir e a produzir novos conhecimentos e, por fim, com o aparecimento de novos instrumentos (os do ciberespaço) capazes de fazer surgir, no nevoeiro da informação, paisagens inéditas e distintas, identidades singulares, próprias deste espaço, novas figuras sócio-históricas. (LÉVY, 1997, p. 28 - 31).

O ciberespaço da universalização e democratização da educação abre possibilidades de produção e socialização de conhecimentos através da rede digital, desde que amparadas por uma nova política educacional e comunicacional transformadora, estruturada num projeto de inserção massiva do saber em todos os níveis do ensino, articulada com a sociedade civil, movimentos sociais e outros, ampliando assim as possibilidades de um plano de cooperação, do local ao mundial.

Nesse momento de comunicação e comércio ampliados, o ciberespaço e a sociedade moderna universalizam o comportamento dos indivíduos alterando profundamente o estilo de vida nos centros urbanos, independentemente das fronteiras geográficas, dos hábitos e costumes históricos, da cultura local. Agora tudo

que existe pode ser alcançado, gerando uma cultura híbrida, sem fronteiras, cheia de novos significados e potenciais aprendizagens.

Mas esse novo espaço, lugar da cibercultura, fecundo para ambientes virtuais de aprendizagem que integram e redimensionam o saber através de conteúdos hipertextuais e interativos, vai garantir novas possibilidades à Educação universal? Vai garantir a inclusão das sociedades em meio à exclusão vigente?

4. FOME DE APRENDIZAGEM

A necessidade de organizar e multiplicar o conhecimento e reorganizar os ambientes educacionais dentro do ciberespaço gera novos acontecimentos com a implantação de um sistema híbrido de possibilidades de aprendizagem, permitindo a inclusão digital e um método de aprendizado que insere o conceito de acessibilidade, com a otimização do espaço e do tempo, bem como novas formas de interação dialógica. Lévy (2003, p. 63) condensa essa necessidade ao admitir que:

o uso crescente das tecnologias digitais e das redes de comunicação interativa acompanha e amplifica uma profunda mutação na relação com o saber. Ao prolongar determinadas capacidades cognitivas humanas (memória, imaginação, percepção), as tecnologias intelectuais com suporte digital redefinem seu alcance. E algumas vezes até sua natureza. As novas possibilidades de criação coletiva distribuída, aprendizagem cooperativa e colaboração coletiva oferecida pelo ciberespaço, colocam novamente em questão o funcionamento das instituições e os modos habituais de divisão do trabalho, tanto nas empresas como nas escolas.

As redes de informação, máquinas, pessoas e comunidades, estão criando novos lugares de interação e multiplicação do conhecimento em que, a partir de qualquer ponto, um usuário interage com alguns ou com todos, em um tempo-lugar, ou em vários, numa dimensão crescente de trocas, assimilações e desconstruções de formatos culturais. Nessa linha, podemos potencializar o ambiente virtual como um espaço fértil para a construção de conhecimentos, onde sujeitos e objetos desenham um novo projeto de formação, por meio de ambientes virtuais de aprendizagem, em caminhos inéditos e imprevisíveis dentro de um sistema eletrônico hipermídia de imagens, sons, textos, gráficos e uma infinidade de informações.

Esse sistema transporta o sujeito para o centro da discussão; agora autônomo, ele perambula pelos caminhos da leitura, deixando que as conexões se multipliquem de maneira nômade e rizomática. Alaya (2002, p. 204, 214) descreve que:

Ler a internet é construir um labirinto, é também perceber a impossibilidade da exaustividade e aceitar de forma estruturada pensar o provisório e o parcial. Em face das tecnologias que permitem a expansão das possibilidades, colocando o ser humano no centro, a tarefa do educador consistiria, desse modo, em propor caminhos originais de apropriação desse ciber/hiper/espço.

Esses caminhos originais precisam provocar mudanças bruscas e constantes nos sujeitos envolvidos na construção da aprendizagem, buscando uma interação que reforce uma qualidade de presença, como um ato de atenção, uma energia, instinto que se transforma em fato, de maneira ativa, uma presencialidade. Mas somente com a razão, observando os detalhes do lógico, do coletivo e da diversidade, podemos explorar as potencialidades das emoções internas, não reveladas, coletivas, integracionistas, pois a colaboração efetiva exige sempre afetividade compartilhada. É a nossa essência caminhar pelos sentidos e, com certeza, existem várias formas de estímulo à afetividade nas equipes de trabalho. Assim, o multiplicador que tiver algumas características empreendedoras, de líder, e uma boa dose de conhecimento afetivo internalizado ao longo das próprias experiências, estará mais apto para estabelecer essa sinergia nos ambientes virtuais. Nesse caso o que importa, segundo Axt (2006), é o método sobre o qual se apoia a prática docente, a maneira como esse docente conduz o aprender individual e coletivo e pela qual se realizam suas relações interacionais, independentes de um formato espacial. Por outro lado, ao pretender formar um aluno crítico, participativo, criativo e ético, torna-se fundamental que essa formação seja estimulada por experiências interacionais sustentadas pelo diálogo e pela alteridade, na construção de um entendimento coletivo que facilite o exercício da diferença.

Educador, escritor e psicanalista, Rubem Alves (2002, p.1) capta o essencial, o "Big Bang" nas interações da aprendizagem, aquilo que é invisível aos olhos, quando diz:

Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim "affetare", quer dizer "ir atrás". É o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o Eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado.

Pierre Lévy (1999, p. 58) também enxerga o essencial ao saber quando discursa que:

A EAD explora certas técnicas de ensino a distância, incluindo as hipermídias, as redes de comunicação interativas, e todas as tecnologias intelectuais da cibercultura. Mas o essencial se encontra em um novo estilo de pedagogia, que favorece ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva em rede. Nesse contexto, o professor é incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimentos.

A meu ver, emerge a necessidade de qualificarmos a educação, no real e no virtual, do global ao local, visando a uma transformação social. Essa nova caracterização do professor/educador/tutor/facilitador como sujeito de ligação dos saberes coletivos é, sem dúvida, um processo vital para o surgimento de uma “nova era” que já tarda em começar, pela incapacidade de transpormos o imenso desafio de recriar o mundo e renascer para a reflexão, a ética e a transcendência. Tal fato é comprovado com muito dissabor na realidade das políticas públicas vigentes, nas palavras ainda atuais e provocativas de Lima (1971) que, em *Mutações da Educação segundo MacLuhan*, afirma: “o professor brasileiro não atingiu sequer a utilização do livro. Comporta-se ainda como um ‘lector’ medieval que recitava papiros e pergaminhos para uma plateia analfabeta”. Crítico ferrenho da escola tradicional, de normas rígidas e centradas na autoridade do professor, o escritor canadense, irônico, diz ainda que “a educação escolar tradicional dispõe de um impressionante acervo de meios próprios para suscitar em nós o desgosto por qualquer atividade humana, por mais atraente que seja na partida”.

A ignorância se multiplica por si só, e é contagiosa! Então, fica a pergunta: a que interesses a ignorância serve? É hora de mudar o mundo, pela nossa sobrevivência! Carl Sagan (1996, p. 336), no livro *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*, amplia a perspectiva sobre o desafio de educar. Ele o faz quando escreve sobre Dorothy Rich, uma professora inovadora de Nova York, que acredita na necessidade de uma revolução na ótica educacional quando fala que, muito mais importante do que as disciplinas acadêmicas específicas, é a promoção de habilidades-chave que ela enumera da seguinte maneira: confiança, perseverança, interesse, trabalho de equipe, bom senso e capacidade de solucionar desafios. Sagan ainda acrescenta o pensamento cético e a capacidade de se maravilhar com os sentidos.

Na verdade, precisamos mudar a prática social, política e econômica de educar, com: visão de futuro planejada e constitucionalmente formalizada dentro de

estratégias de longo prazo; programas de formação de educadores em todos os níveis de ensino; investimentos diferenciados na pesquisa e no desenvolvimento de melhores práticas educacionais; projetos nacionais de grande porte na educação básica. Assim “ir atrás”, transforma-se numa ação coletiva para caminharmos em direção ao uso democrático e racional das tecnologias e, ainda, para a multiplicação dos saberes, trazendo definitivamente a inclusão social e digital na diversidade cultural.

5. CONCLUSÃO

O conhecimento transforma-se, nesse novo contexto mundializado, no eixo principal do desenvolvimento produtivo e social, criando a necessidade de uma formação dirigida ao desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes, locais e globais, presenciais e virtuais. Ele determina a capacidade da sociedade de enfrentar a diversidade ambiental, que se transforma de maneira acelerada e complexa no século XXI. A capacidade de adquirir e aplicar o conhecimento estão transformando o modo de produção, criando uma realidade sócio-cultural não mais controlada pelos elementos tangíveis do poder econômico, mas por organizações inteligentes, em que os dados, a informação e o conhecimento são absorvidos e multiplicados por meio de sistemas hipermídias, num ciclo virtuoso de divergência, convergência, coesão e inovação. Daí a necessidade de organizar e multiplicar o conhecimento, permitindo a inclusão universal, social e digital, num método de aprendizado que insere o conceito de acessibilidade, no intuito de resgatar e também criar novas identidades, a partir de novas formas de interação dialógica.

Mesmo com os avanços tecnológicos das últimas décadas, faz-se urgente conduzir a sociedade para uma reflexão crítica acerca do modelo de progresso existente, na esperança de equacionar o desenvolvimento social diante do instigante caos labiríntico do ciberespaço, ambiente mutante do nosso modo de existir.

O capital e as tecnologias dominados pelas corporações supranacionais impõem mudanças excludentes com a ditadura do consumo, trazendo a fragmentação das identidades culturais e a perda da nossa identidade social. Mas é a sociedade a única responsável pelo “viver no mundo”, uns em relação aos outros, e deve permanecer ativa e participar criticamente na elaboração de um projeto maior, na busca de um novo modelo de viver, habitar e evoluir, pois a mudança social não acontece, constrói-se.

Assim, vindos das sombras da ignorância, alguns sujeitos contemporâneos descobrem-se no caos das infinitas possibilidades. Em lugares, não-lugares e lugares virtuais. Não identitários, não relacionais, não históricos. Num mundo esvaziado de valores. Contudo, em algum momento, no escuro e no silêncio, maravilhados com o espaço maior que transcende as bordas do écran, é possível que transitem humildes, conscientemente críticos, mas ainda perdidos entre realidades diversas, na procura de um momento maior, na matrix da existência.

FROM SHADOWS TO CAOS OF KNOWLEDGE: SEARCHING EDUCATIVE SPACES

Abstract: The article wants only highlight some contemporary situations related to education, bringing a speech that stimulates debate and the multiplication of ideas. Also, it attempts to cause a reflection on the need to understand and perceive the world in a context of global capital, which is concurrently, with the accelerated advancement of information and communication technologies. This contribution has the objective of promoting new ways of creating unusual and innovative relations on the spaces of knowledge. Now spaces of postmodernity, of realities also in cyberspace, where we walked across cultures and assume different identities, seeking natural interactions in a liquid, immediate world. These fleeting identities reveal the complexity of human behavior in the knowledge era, time of new historical and collective experiences and the challenge of integrating the company for the construction of new principles and attitudes.

Keywords: education, globalization, cyberspace, knowledge, learning.

Referências Bibliográficas

AUGÉ, M. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 1994, p. 122.

ALAVA, Séraphin. **Ler a internet: abordagem documental do ciberespaço**. In: ____ (Org.) *Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais?* Porto Alegre: Artmed, 2002.

ALVES, Rubem. **A arte de produzir fome**. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 mar. 2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u146.shtml>. Acesso em: 18 out. 2012.

AXT, Margaret. Comunidades virtuais de aprendizagem e interação dialógica: do corpo, do rosto e do olhar. **Revista Eletrônica Filosofia da Universidade do Vale dos Sinos**. São Leopoldo. set-dez. 2006. Disponível em: http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_filosofia/vol7n3/art04_axt.pdf. Acesso em: 13 set. 2012.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições. Loyola, 1998.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Mutações em educação segundo McLuhan**. Editora Vozes, São Paulo, 1971.

OLIVEIRA, Romualdo Portela. A transformação da educação em mercadoria no Brasil. **Revista Eletrônica Educação & Sociedade da Unicamp**. Campinas, out. 2009. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br/revista/rev/rev108.htm>. Acesso em: 14 ago. 2012.

MOCELLIM, Alan. Lugares, Não-Lugares, Lugares Virtuais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina**. Florianópolis, jan-jul. 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/14453>. Acesso em: 06 set. 2012.

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das letras, 1996.